

Estágio Curricular: Fim ou Início da Produção Científico-Acadêmica?

José Ultemar da Silva - ultemar@uninove.br

Universidade Nove de Julho

Karina Ribeiro Fernandes - karinapagani@uninove.br

Universidade Nove de Julho

Neuza Abbud Prado Garcia - neuza2@uninove.br

Universidade Nove de Julho

Resumo

Este artigo tem por objetivo discutir, analisar e propor uma nova dimensão aos estágios curriculares, visando uma formação integral do futuro gestor-empREENDEDOR a partir da produção acadêmica. Repensar, à luz da legislação em vigor, a metodologia de pesquisa nas instituições de ensino, até então gestada em modelos formais; às vezes até conflitando com a compreensão analítico-interpretativa da realidade. A proposta consiste na interlocução dos estágios curriculares com as atividades acadêmico-científicas, expressas por meio dos procedimentos de práticas monográficas, constituindo-se no cerne fundamental entre a prática e a experiência, onde os elementos teórico-metodológicos sinalizariam uma melhor postura dos alunos, tanto diante das pesquisas acadêmicas, quanto das exigências do mercado de trabalho.

Palavras-Chaves: Estágio, Diretrizes Curriculares, Conhecimento e Investigação Científica.

Abstract

This article aims to discuss, analyze and propose a new dimension to the internship programs, aimed at education of the future manager-entrepreneur from the academic production. Rethinking the light of existing legislation, the research methodology in educational institutions, until then gestated in formal models, sometimes even conflicting with the analytical and interpretive understanding of reality. The proposal is in the interaction of curricular activities with academic and scientific communities, expressed through the procedures of monographic practices, becoming the fundamental core of the practice and experience, where the theoretical and methodological elements herald a better posture of the students, both face of academic research, as the demands of the labor market.

Key Words: Training, Curriculum Guidelines, Knowledge and Research.

Introdução

A profunda transformação ocorrida no cenário do ensino superior privado no Brasil nas duas últimas décadas trouxe uma série de mudanças estruturais e conseqüentes desafios para as IES (Instituições de Ensino Superior). A oferta de novos cursos, o aumento do número de vagas e a mudança do perfil do aluno ingressante são algumas das modificações ocorridas. Nesse contexto, há várias reflexões a serem feitas, mas pretende-se aqui se ater à importância da formação acadêmica baseada na interligação existente entre a teoria e a prática profissional.

Em função de uma sociedade emergente manifestada através dos avanços tecnológicos e dos desdobramentos dos novos processos produtivos, solicita-se do futuro gestor uma formação do profissional adequada com a realidade, bem como o compromisso quanto ao desenvolvimento pleno das competências e habilidades cognitivas sociais e culturais, que propicie sua inserção no mercado de trabalho.

Tem-se constatado que conviver com a contradição, o conflito, as resistências e incertezas se constitui na nova demanda da sociedade, da cultura e do mercado competitivo, que fazem jus aos ambientes organizacionais.

As exigências do mercado de trabalho são cada vez maiores, termos como multifuncional, metacompetência, entre outros, são comumente utilizados para definir o profissional, que precisa enquadrar aos padrões de exigência atuais.

A resposta para a indagação sobre como formar este profissional capaz de lidar com as multi-referências que se apresentam, nas quais o “saber, saber ser e o saber fazer” (FAZENDA,2001), são categorias constitutivas para a formação competente deste profissional, que representa para as instituições (gestores, corpo docente e discente) um grande desafio. Para esta consecução é preciso uma modificação do olhar do ensino em relação às empresas, que são moldadas pelas práticas de desenvolvimento tecnológico, cultural e econômico. Na verdade, decorrente da necessidade de especialização técnica, muitas empresas passam a optar pelo profissional multifuncional; cada vez mais distante dos conteúdos programáticos. Assim, as escolas precisam adequar em seus currículos, o que as organizações necessitam.

Na verdade, a proposta que sinaliza é de um estágio curricular profissionalizante; visando oferecer a oportunidade para que o aluno, por meio de trabalhos práticos no âmbito das instituições de ensino, desenvolva sua capacidade crítica para avaliar os desafios do cotidiano escolar, além do aprendizado social,

profissional e cultural, tendo assim como resultado uma reflexão real e futurista dos novos cenários sócio-econômicos por meio da produção científica.

Desta forma, acredita-se que a formação a ser solidificada se confirma no momento em que o aluno enfrenta os desafios da própria realidade, e com ela, extrai subsídios de reflexão, conforme exposto por Tassara (2001). Somente assim é possível realizar o propósito da intervenção, pois reflexão-ação-reflexão são os instrumentos mobilizadores de instâncias produtivas do conhecimento.

A atuação profissional competente depende da junção de habilidades e de uma bagagem teórica considerável associada a uma vasta experiência prática. Neste sentido, tanto o profissional com excelente formação acadêmica e pouca experiência prática na área quanto o que trabalha na área há muito tempo, mas possui pouca formação acadêmica perdem seu valor, pois teoria e prática se complementam e o que se busca no mercado, cada vez mais, é um profissional completo.

A premissa de que o Estágio, nestas condições, poderá ser um procedimento curricular-pedagógico muito significativo e proveitoso para uma ponte em relação à produção do conhecimento, logicamente salvaguarda as exigências que viabilizem tal recurso, sendo importante discutir a questão dos modelos de ciência e a formação do futuro profissional e a prática da sala de aula e as relações entre conhecimento, saber e ciência, e o seu contexto de produção, de onde nestas buscas, se pode argumentar, as interfaces estágio e monografia.

Tecendo os Fios da Investigação Científica

Sabemos que o universo das informações, incorporado de mútuos sentidos, solicita novas formas de operar as informações, e ao mesmo tempo uma busca constante com a produção deste conhecimento. Neste caso, o compromisso das IES e a tessitura destas redes de produção, que se projetam em universo cada vez mais abrangente, são regidos tanto de conceitos, quanto de experiências, que seriam as atuações dos alunos em seu cotidiano profissional.

Entretanto, a formação acadêmica atual emana de uma herança de pensamento científico, induzindo a uma visão disciplinar, fragmentada da realidade. Portanto, conviver hoje, conduz a um compartilhamento sobre o sentido de “estar no mundo”, comungando com incertezas e provisoriiedades.

Vale destacar que a sociedade contemporânea foi gerada a partir do grande avanço da tecnologia e da quebra de um padrão racional antes suficiente, conduzindo a

uma fragmentação nas formas de conceber e compreender o Homem, o mundo e a sociedade. (JAPIASSU, 2001). A dimensão da Ciência como expõe o teórico, expurgou o sujeito e dele todas as amarras que presidem a um subjetivismo e que torna alienante qualquer tentativa de garantia de um mundo objetivo e repleto de observações.

Também, é importante considerar ainda, que diante da tecnologia da informação, a quantidade de conhecimentos e percepções presente nesta sociedade é uma evidência necessária, da qual não se pode esquivar. Portanto, resta o desafio, no que se refere às habilidades de formação do profissional, de lidar com as informações, e ao mesmo tempo viabilizar a re-apropriação e construção de novos saberes.

Já se tornou comum discutir sobre Era da Informação, Era do Conhecimento ou sociedade do conhecimento. Portanto, vale também discutir como a sociedade passou a utilizar estas informações e os vários significados que estas adquiriram ao longo do tempo.

O filósofo Lyotard oferece uma importante contribuição para essa reflexão, considerando que o início da era pós-industrial foi marcado por importantes modificações no campo da Ciência, pois paralelamente aos questionamentos referentes à razão-emoção, ou mesmo sujeito-objeto, constata-se a busca por novos legitimadores de produção científica, que busquem estabelecer novas possibilidades de linguagem e ampliação do espectro de leitura do mundo.¹

Para este filósofo, a função narrativa perde seus atores, os grandes heróis, dispersando-se em nuvens de linguagem narrativa, mas também denotativa, prescritiva, ou seja, cada um veiculando consigo validades pragmáticas sui-generis. Desta forma, a legitimação pelo saber científico, se faria através da própria validade dos jogos de linguagem, entregando-se à tarefa de construção consensual, entre especialistas em domínios e competências específicos.

Também, é muito sugestiva a formulação de Lyotard, ao afirmar que o saber atual aguça a sensibilidade para as diferenças, reforçando-se assim tanto a capacidade para suportar o incomensurável, de onde deriva o raciocínio, quanto a necessidade de reformulações aos procedimentos técnico-pedagógicos para se lidar com o universo das informações.

¹Jean-François Lyotard em seu livro *A Condição Pós-Moderna*, utiliza o conceito de "jogos de linguagem" referindo-se às características da experiência da pós-modernidade e a complexidade das relações sociais dos sujeitos.

Revela-se assim um novo olhar sob a condição humana, pois este não será mais enfocado como mero receptor de valores sociais e culturais e passará a ser

considerado como produtor e negociador de significados, criando-se assim espaços para a construção de novos sentidos para a prática social e conseqüentemente para uma prática educativa.(GUSDORF, 1995)²

Do ponto de vista social, a ordem que se estabelece, ou não, resulta do compartilhamento de experiências que ocorre na interação humana. Do ponto de vista individual, a identidade é um elemento chave da realidade subjetiva e se encontra em relação dialética com a sociedade. Nesta acepção, o indivíduo é produto e produtor do sistema social.

De onde decorre que a “legitimação de todos os processos e procedimentos relacionados com a prática educacional, só poderá ancorar na convergência com valores e objetivos responsáveis pela emancipação de sujeitos humanos, em uma existência real no seio da sociedade histórica” (SEVERINO, In: Fazenda, org. 2001, p.51).

Conforme propõem os autores acima citados, a educação na realidade, em forma de prática social, é que garante a mediação com a própria condição historicamente existencial dos sujeitos envolvidos nesta rede de significados que envolvem o processo educativo.

Para Berger e Luckmann (1983), a vida cotidiana se apresenta para os homens como uma realidade ordenada. Há um universo simbólico que possibilita aos membros integrantes de um grupo uma forma consensual de aprender a realidade, integrando os significados, e viabilizando a comunicação. Os fenômenos estão delineados em padrões que parecem ser independentes da apreensão que cada pessoa faz deles, individualmente.

A existência humana se realiza através da mediação com a cultura, (Severino, 2001). Desta forma o conhecimento se manifesta como instrumento de construção de símbolos, por onde deveriam ser trilhadas as investigações quanto às vivências de uma realidade e os espaços perseguidos pelo exercício reflexivo ou os ecos do cotidiano e as interfaces deste processo universal, por meio de atribuição de significados a uma realidade considerada como texto e contexto.

Realidade esta considerada como texto de um enredo que se narra e se constrói no relato das experiências e vivências deste cotidiano que se reflete nos estágios e é narrativa, porque os atores, personagens destas tessituras de tramas e enredos, são convidados a se apropriarem e produzirem conhecimento.

² Georges Gusdorf escreveu que “o segredo da mestria é que não há mestre, somente aprendizes”.

Para Santos (1996), a ciência moderna consagrou o homem enquanto sujeito epistêmico, mas o expulsou enquanto sujeito empírico, de onde deriva que um conhecimento objetivo, factual e rigoroso não tolerava a interferência dos valores humanos enquanto natureza dicotômica sujeito-objeto.

Uma nova proposta curricular aos cursos de graduação seria uma tentativa de conciliar de forma pedagógica as atividades de estágio com as de monografia, partindo-se do pressuposto, outrossim, de que a tônica do olhar, realizando-se recortes da realidade de onde emergem as problemáticas com mais força e significado, passariam pela depuração dos mesmos por meio de filtros teórico-metodológicos.

A Tessitura das Redes: Estágio / Monografia

Em se tratando de Estágio, as Novas Diretrizes para Cursos de Administração do Conselho Nacional de Educação define no artigo 7º, que...

“O Estágio Curricular Supervisionado é um componente curricular direcionado à consolidação dos desempenhos profissionais desejados inerentes ao perfil do formando, devendo cada IES, por meio dos seus Colegiados Superiores Acadêmicos, aprovar o correspondente regulamento, com suas diferentes modalidades de operacionalização”.

Já a monografia, tida como obrigatória na conclusão de vários cursos de graduação e especializações, é definida como sendo uma delimitação realizada por escrito de um assunto qualquer, ou ainda de que esta seja um estudo científico que apresente uma determinada relevância, de modo sistemático e completo.

Neste contexto, acreditamos que se pode repensar as formas de elaboração de uma monografia e o valor do estágio nesta composição, uma vez que toda experiência adquirida no estágio poderia contribuir na elaboração da monografia. Ou seja, eles são duas faces de um mesmo objeto, que exigem a proposição de um novo olhar das instituições de ensino.

Para o foco de análise proposto, a intenção de uma nova proposição de intermediação entre ensino e pesquisa, no caso, a constituição de um novo eixo modular para a construção dos trabalhos monográficos, seriam os procedimentos vivenciais (no caso o estágio) ao longo do percurso acadêmico a serem construídos e dinamizados em torno de uma matriz. Por exemplo, a formação da cultura empreendedora requer essencialmente uma postura, ou melhor, uma atitude, na qual vive-se e experimenta-se.

Assim, as experiências obtidas no estágio também podem ser parte das informações necessárias para se elaborar uma monografia e preparar-se melhor para o mercado de trabalho. Na Verdade, o que falta é disseminar e estimular o espírito empreendedor, individual e corporativo entre os alunos e dar condições para o surgimento de novos empreendedores a partir das pesquisas acadêmicas.

Para Dornelas (2003), o empreendedorismo tem se mostrado um grande aliado do desenvolvimento econômico, pois oferece um segmento mais sólido que a maioria das inovações voltadas para este desenvolvimento. Um dos estudos sistemáticos sobre este assunto tem se referido ao Grupo Entrepreneurship Monitor, liderado por Babson College, nos Estados Unidos, e a London Business School, na Inglaterra, que têm demonstrado que existe uma forte relação entre empreendedorismo e formação acadêmica.

Segundo Silva (2001), a formação qualificada dos profissionais foi o caminho encontrado pelos países em desenvolvimento, para romper o ciclo da economia primária e saltar para o processo de industrialização. Só que alguns países ainda não entenderam este propósito e continuam atrasados.

Em continuidade ao posicionamento do autor, no Brasil, o estudo tem trazido resultados interessantes. No entanto, um dos fatores preocupantes, refere-se ao fato de que a maioria dos negócios é informal, focados sem planejamento, sem identificação com as oportunidades no mercado, ou seja, sem o compromisso com o fator crescimento e desenvolvimento econômico. Em contrapartida, há identificação de oportunidades de negócios diferenciados e busca de inovação em todo o mundo, porém o que falta é o saber fazer, que poderia vir das salas de aulas.

Em decorrência das premissas apontadas anteriormente, a emergência de uma mediação entre ensino e pesquisa, como proposta pedagógica voltada para a formação da cultura empreendedora, conduz a repensar as questões do ensino, como salienta Pimenta(2002). Entende-se o papel do ensino superior como processo de busca e construção científica e crítica do conhecimento, envolvendo as formas de domínios dos saberes, das técnicas e dos métodos científicos, visando-se à formação do profissional e sua inserção na sociedade.

Pimenta e Anastasion, (2002), chamam atenção para os vestígios, ainda presentes, de um modelo jesuítico, que conduziu à separação entre pesquisa e ensino, relegando à graduação o papel de formação dos quadros profissionais, e à pós-graduação a tarefa da pesquisa, e em conjunto, ao “caráter profissionalizante do modelo napoleônico” (2002,p.152).

Reforça-se assim uma proposta pedagógica fundamentada na transmissão dos saberes, bem como a negação do exercício de crítica deste cotidiano, que é esta realidade sócio-cultural, econômica e científica. E isto vem se somar à questão da fragmentação destes saberes que compõem o tecido curricular, promovendo como indicam as teorias, uma visão limitada, em relação ao conhecimento e à sociedade.

Diante das inferências expostas, destaca-se muitas vezes a inexistência da preocupação com os aspectos investigativos como momentos formativos e reflexivos da formação do profissional por parte de algumas instituições. Requerendo assim, uma formação integrada por experiências pessoais, saber elaborado e saber partilhado, remetendo à noção de competência, concebendo-a como a “capacidade de agir eficazmente em determinado tipo de situação, apoiada por um conhecimento, mas sem limites a ele” (PERRENOUD, 1997, p. 137).

A conjugação destes três elementos conduz a repensar as questões das habilidades, enquanto categoria de ação expressa através do saber-fazer, que como trabalho do artesão, irá modelando a massa bruta informe, e assim esta ação-prática associada a um saber teórico permitirá construir competências em grau cada vez mais elaborado e complexamente mais elevado.

Diante desses impasses, Perrenoud (2002) sugere a formação da postura investigativa entendida como “prática que obriga a tomar decisões, manusear conceitos e dados observáveis” (2002, p.121), em complemento à informação de que para o professor ensinar ele precisa pesquisar”. (FAZENDA, 2001), pois é a partir da postura investigativa, pontuada pela teórica, que será possível a re-apropriação e construção de um novo conhecimento.

Considerações Finais

Segundo especialistas em recursos humanos, até recentemente no Brasil, não havia profissionais com os requisitos que na maioria dos países desenvolvidos, desde os anos 1940, já era parte integrante do processo produtivo da maioria de suas empresas. O processo brasileiro de formação dos executivos, ainda que meio lento, começado no fim dos anos 1990, é hoje, parte da consciência de um pequeno número de instituição de ensino, que pouco investem na formação e na qualificação dos seus alunos.

O procedimento investigativo é analisado como forma de apropriação ativa em relação ao saber e com a realidade que se pretende dar conta, de onde decorre a necessidade de tentar compreender o significado dado à questão do saber analisado sob

o ponto de vista antropológico e sociológico, subentendendo uma relação sujeito-objeto, consigo mesmo e com o outro (CHARLOT, 2000).

Assim, o que está em jogo são as questões da competência como elemento interlocutor de uma formação que responda às demandas sociais do mercado e dimensione a prática constitutiva transformadora.

Na realidade, a vida exige um equilíbrio de respostas, ações e resoluções de problemas que Rey (in: Perrenoud, 1997), aponta para competências transversais, como sendo a capacidade de convergência para múltiplas situações analógicas, das quais cada competência é apelativa para outras específicas, decorrentes ou convergentes.

Desta forma, já é possível a efetivação da mediação ensino e pesquisa, a partir do momento em que se conjuga, por exemplo, a formação da cultura empreendedora e das competências e habilidades do futuro gestor; dimensionada a modos operacionais de inteligências múltiplas, em que se conjugam pensamentos analógicos e intuitivos. Na verdade, uma forma relevante de lapidar os futuros executivos, em que se veiculam as tomadas de decisões, viabilizadas na prática dos estágios e fecundadas em pesquisas acadêmicas.

Referências Bibliográficas

- Berger, P. & Luckmann, Th. (1983). *A construção social da realidade*. 5 ed. (F. de S. Fernandes, Trad.). Petrópolis: Vozes.
- Buriolla, M. F. (2001). *O Estágio Supervisionado*. São Paulo: Cortez.
- Crainer, S. (1999). *Os Revolucionários da Administração*. São Paulo: Negócio Editora.
- Dolabela, F. (1999). *Oficina do Empreendedor*. São Paulo: Cultura.
- Dornelas, J.C.A. (2003). *Empreendedorismo Corporativo: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar em organizações estabelecidas*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Fazenda, I.C.A.(Org). (2001). *Interdisciplinaridade: Dicionário em Construção*. São Paulo: Cortez.
- 12
- Fazenda, I.C.A. (et al); Piconez, E. (Coord.). (1991). *A Prática de Ensino e o Estágio Supervisionado*. Campinas: Papirus.
- Fourez,G.A. *Fundamentos Epistemológicos para a Interdisciplinaridade*. Texto Provisório
- Apresentado no Congresso de AMSE em Sherbooke - Canadá, 2001.
- Gusdorf, G. (1970). *Professores para quê?* Moraes: Lisboa.
- Japiassu, H. A crise da razão no ocidente. *Revista Eletrônica Sinergia*. Disponível em: <http://www.sinergia.spe> Acesso em: 15 nov. 2007.
- Perrenoud, P. (2002). *Pedagogia Diferenciada*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- _____. (1997). *Práticas Pedagógicas, Profissão Docente e Formação: Perspectivas Sociológicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Lenoir, Y. (2000). *Interdisciplinaridade na Formação do Professor: as Leituras Distintas em função de Culturas Distintas*. Canadá: Simpósio Universidade de Sherbooke.
- Pimenta, S. G. & Anastasiou, L.G.C. (2002) *Docência no Ensino Superior*. São Paulo: Cortez.
- Roesch, S. M. A. (1999). *Projetos de Estágio e de Pesquisa em Administração*. São Paulo: Atlas.
- Santomé, J. T. (1998). *Globalização e Interdisciplinaridade: o Currículo Integrado*. Porto

Alegre: Artes Médicas.

Santos, B.S. (1996). *Para uma pedagogia do conflito*. In: Silva, L. E. Reestruturação curricular: novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais. Porto Alegre: Sulina.

Severino & Fazenda, I.C.A (Org). (2002). *Conhecimento, Pesquisa e Educação*. São Paulo:

Papirus.

Silva, J.U. (2001). A Globalização e o Comportamento do Mercado de Trabalho: uma abordagem sobre o desemprego no Brasil. São Paulo: Revista Pensamento Realidade, ano IV, nº 9

Tassara, Eda. (2001). *Campos interdisciplinares do conhecimento: objetos interdisciplinares:*

heurística e vanguardas. In Anais da ABRAPSO. Florianópolis.